



O JOVEM SHERLOCK HOLMES precisou de quase duas horas para escapar do porão. Quando saiu, a Druries, a Casa de acolhimento que frequentava desde que fora matriculado na Escola Harrow, um internato para jovens cavalheiros ao norte de Londres, estava praticamente vazia. Não era de se espantar, afinal, todos os alunos estavam ansiosos para correr para casa e aproveitar o feriado do Dia de Todos os Santos, mais popularmente conhecido como o Dia das Bruxas. E como ocorria frequentemente, um garoto era *convidado* a ficar preso no porão pelos alunos mais velhos. No último ano, fora um rapaz mirrado e albino, chamado Zakaria Byrne. Ele só conseguiu escapar quando os pais, preocupados com a ausência do filho, mandaram um telegrama para a escola. O que não aconteceria com Sherlock, já que ele tinha planos de permanecer na escola durante o feriado, pois os pais e o irmão estavam viajando e as provas trimestrais se aproximavam.

Sherlock sabia que era um alvo em potencial. Tímido, esquelético, extremamente inteligente e completamente indiferente aos clubes esportivos que a Druries oferecia, era visto com desdém e desconfiança pela maioria dos colegas. Usualmente, esse tipo de

importunação não o incomodava, mas ser preso no porão estava um pouco acima do seu limite de paciência.

Mas não havia nada a ser feito contra seis jovens barulhentos com os músculos enrijecidos pelas aulas de rúgbi. Sherlock foi arrastado até o porão e preso no escuro. Quinze minutos depois, conseguira improvisar uma lamparina. Após uma hora, já revistara todo o local e encontrara uma saída escondida atrás de uma pilha de caixotes. Com um pouco de paciência e perseverança, arrombara o postigo e saíra para a liberdade, avançando até os jardins da escola.

Não chovia, mas o céu nublado baixara a temperatura nos últimos dias. Os dias estavam cada vez mais curtos em Londres, prenunciando a chegada de um inverno que prometia ser rigoroso. Sherlock estava sem o seu casaco e cruzou os braços para se proteger do frio enquanto dava a volta no prédio da escola para alcançar a porta da frente. Quando subiu os primeiros degraus, foi surpreendido pela presença de um grupo de garotos.

— Sherlock Holmes — disse um rapaz uns dois anos mais velho, de cabelos muito louros e a tez dourada. Ele estava sentado em cima de sua própria mala, os braços cruzados e uma expressão taciturna nas faces.

Surpreendentemente, suas feições se abrandaram ao observar a chegada do rapaz.

Sherlock esquadrinhou a cena rapidamente. Gabriel Mackenzie. Escocês de nascimento. Família de posses. Pai era membro do parlamento. Partido Tory, era claro. Ao seu lado estava Simon Singleir, de Cardiff, País de Gales. Alto, moreno e forte. Mais ao fundo, Frankie Galloway e Fergus Dawson, ambos escoceses de nascimento. Ruivos, sardentos e inseparáveis. Primos em segundo grau, pelo que sabia. Já vira aquele grupo reunido antes, tanto na escola quanto na Casa. Provavelmente, passariam o feriado juntos.

Mas o que Basil Mathura estaria fazendo ali?

O rapaz, recém chegado da Índia, se matriculara na escola no início do ano. A situação era comum; com a expansão do império Britânico, muitos filhos de reis, marajás e políticos importantes das colônias enviavam seus filhos para serem educados na Inglaterra. O tratamento dispensado aos novos alunos variava de acordo com a origem e, principalmente, a *importância* de seus pais.

Basil, no entanto, era diferente.

Ele era rico. Seu pai ocupava um dos mais altos postos na administração da Índia. Dizia-se que já se encontrara com a Rainha Vitória em mais de uma ocasião. E sua mãe era descendente de uma tradicional família inglesa, cujos antepassados poderiam ser contados até a invasão romana.

Mas ele era mestiço. Seu pai era indiano, sua mãe, britânica. Isso era o suficiente para que boa parte da aristocracia inglesa torcesse o nariz, independente de quem fossem seus pais. E, até onde Sherlock havia percebido, Basil se esgueirava do convívio social da escola tanto quanto ele. Então, o que diabos ele estava fazendo ali, com aqueles garotos? Sua atitude, torcendo as mãos e mantendo-se a uma distância segura dos demais indicava que ele não parecia completamente à vontade. Por outro lado, era óbvio que não estava sendo obrigado a permanecer ali.

— Sherlock Holmes — voltou a repetir Gabriel, aproximando-se e estendendo a mão para o rapaz, que reagiu ao cumprimento de forma insegura. — É uma sorte tê-lo encontrado aqui.

— Por quê? — perguntou ele, sem rodeios.

O sorriso de Gabriel vacilou por apenas um momento.

— Conhece Patel, filho do Visconde? Ótimo. Ele teve uma indisposição estomacal. Nada grave, mas vai ter que passar os próximos dois dias na enfermaria da escola. Isso me deixou em uma

posição delicada, pois tenho seis passagens, mas somente quatro colegas. Gostaria de se juntar a nós durante os feriados de Halloween?

— Para ir aonde?

— Para a Escócia, é claro! — disse Gabriel, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— E o que vou fazer na Escócia?

— Participar da minha coroação — respondeu o garoto, com um sorriso escandaloso em seus dentes perfeitos.

